

# Notas sobre o discurso de ódio e a censura na peça de teatro *A menina e sua sombra de menino*

*Notes on hate speech and censorship  
in the theater play The girl and her boy's shadow*

*Notas sobre el discurso de odio y la censura  
en la obra de teatro La niña y su sombra de niño*

Carlos Sapelli\*  
Francieli Loureiro Ramos\*\*

## Resumo

*Este artigo objetiva discutir a presença do discurso de ódio e da censura na peça de teatro A menina e sua sombra de menino durante a passagem de sua apresentação pela cidade de Campos Novos/SC, a partir dos pressupostos psicanalíticos de Freud, Lacan e seus contemporâneos. O espetáculo apresenta a história de uma menina que utiliza as brincadeiras para compor o seu mundo e a sua vida subjetiva. No entanto, como há uma diversidade no campo do brincar das crianças, a protagonista se intriga com tamanha variedade e seus usos no tempo peculiar da constituição psíquica. Assim, inevitável foi o encontro com a delimitação preconceituosa na qual impera uma maneira de conceber as brincadeiras consideradas apropriadas às meninas, e, do mesmo modo, as que são apontadas como adequadas aos meninos. Isso torna-se agravante e espantoso na medida em que uma parte da população do mencionado município catarinense manifesta desinformação com ataques virtuais odientos e reprimendas por meio de suas crenças políticas e religiosas com relação à peça. Nesse estudo, apontamos o diálogo em torno da arte na cultura e suas*

---

\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: carlossapelli6@gmail.com

\*\* Associação Catarinense de Ensino. Faculdade Guilherme Guimbala, SC, Brasil. E-mail: francieliramos@icloud.com

*ressonâncias na infância para demonstrar que as crianças se constituem enquanto sujeitos pela singularidade de suas fantasias e de seus desejos.*

**Palavras-chave:** ódio, censura, teatro, psicanálise, cultura

## Abstract

*This article aims to discuss the presence of hate speech and censorship in the theatre play *The girl and her boy's shadow* during its presentation in the city of Campos Novos, state of Santa Catarina, Brazil, from the psychoanalytic assumptions of Freud, Lacan, and his contemporaries. The play presents the story of a girl who uses games to compose her world and her subjective life, however, since there is a diversity in the field of children's play, the protagonist is intrigued by such variety and its uses in the peculiar time of the psychic constitution. Therefore, the encounter with the prejudiced delimitation was inevitable, in which reigns a way of conceiving the games considered appropriate for girls and in the same way, those that are considered appropriate for boys. This becomes aggravating and astonishing because part of the population of the mentioned city of Santa Catarina manifests disinformation with virtual attacks of hate and reprimands following their political and religious beliefs in relation to the play. In this study, we point out the dialogue around art in culture and its resonances in childhood to demonstrate that children are constituted as subjects by the singularity of their fantasies and desires.*

**Keywords:** hate, censorship, theater, psychoanalysis, culture

## Resumen

*Este artículo tiene como objetivo discutir la presencia de discursos de odio y censura en la obra de teatro *La niña y su sombra de niño* durante el paso de su presentación por la ciudad de Campos Novos, estado de Santa Catarina, Brasil, a partir de presupuestos psicoanalíticos de Freud a Lacan y sus contemporáneos. El espectáculo presenta la historia de una niña que usa los juegos para componer su mundo y su vida subjetiva, sin embargo, como hay una diversidad en el campo del juego infantil, la protagonista se intriga por semejante variedad y sus usos en el tiempo peculiar de la constitución psíquica. Así, fue inevitable el encuentro con la delimitación prejuiciosa, en la que impera una manera de concebir los juegos que se consideran adecuados para las niñas y, del mismo modo, aquellos que se consideran apropiados para los niños. Esto se vuelve agravante y espantoso en la medida en que parte de la población del mencionado municipio catarinense manifiesta desinformación con ataques virtuales odiosos y reprimendas a través de sus creencias políticas y religiosas con respecto a la obra. En este estudio, apuntamos el diálogo en torno al arte en la cultura y sus resonancias en la infancia para demostrar que los niños se constituyen como sujetos por la singularidad de sus fantasías y deseos.*

**Palabras clave:** odio, censura, teatro, psicoanálisis, cultura

Partindo dos crescentes ataques dirigidos ao campo da liberdade de expressão artística no Brasil, tendo em vista os episódios que envolvem o nosso País sobretudo no campo político, o presente artigo aborda o tema do discurso de ódio dirigido ao espetáculo de teatro *A menina e sua sombra de menino*, bem como aos artistas que o protagonizam. De fato, tempos obscuros no que concerne à arte e à cultura repercutem numa frequente preocupação com as questões relativas à violência, ao ódio e à segregação no cenário social brasileiro.

Nesse contexto, a peça de teatro *A menina e sua sombra de menino*, inspirada em um livro francês lançado em 1976 pelo psicólogo Christian Bruel, conta uma história na qual a personagem principal gosta de brincar com boneca e se arrumar na frente do espelho, além de correr e jogar bola.<sup>1</sup> Quem convive com a menina tenta encaixá-la em um padrão e afirma que ela se comporta como um menino. Até que um dia, a protagonista acorda e percebe que sua sombra virou um menino. Após essa descoberta, a tal sombra de menino, na verdade, é o próprio direito de brincar sem restrições ou padronizações que a menina tem em sua vida na infância.

Em resumo, a encenação apresenta a história de uma menina que usa a amplidão das possibilidades do brincar, tida ou considerada incomum e, ao mesmo tempo, vista de modo restrito, padronizado e tipicamente compreendido como “brincadeira de menino”, apesar de também brincar com as tais “coisas ditas de menina”, isto é, a menina começa a gostar de algumas brincadeiras tidas e direcionadas aos meninos, tais como os carrinhos ou futebol, apesar de também brincar de boneca, considerado estereótipo da brincadeira de uma menina.

Assim sendo, a performance artística possibilita uma conexão entre o sujeito e seu lugar no mundo. Eis, portanto, a proposta do espetáculo: retratar o cotidiano da infância ao evidenciar as brincadeiras e as cantigas populares no faz-de-conta que não se reduz à questão de gênero. Em outras

---

1 O livro francês foi traduzido para o português por Álvaro Faleiros em 2020 e intitulado: *A história de Júlia e sua sombra de menino*, pela editora Scipione.

palavras, a apresentação teatral visa ao respeito à singularidade da criança em suas brincadeiras, estimula a reflexão e, além disso, resgata as brincadeiras populares da infância.

Nos dias 18 e 19 de setembro de 2018, em Campos Novos/SC, estavam agendadas apresentações do já mencionado espetáculo, da Malagueta Produções, vinculada à Harmônica Arte e Entretenimento, realizadora do projeto Viagem Teatral, em sua 10<sup>a</sup> edição.<sup>2</sup> No elenco, os atores Paula Bittencourt de Farias e Leandro Magalhães (atualmente substituído por Egon Seidler), sob a direção de Pépe Sedrez, foram surpreendidos com discursos de ódio, manifestações e difamações para vetar a peça de teatro na cidade. Tal como nos lembra Freud (1921/2011b) em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (*Freud: Obras Completas*, Vol. 15, pp. 9–100), nos seus comentários e trechos acerca do livro de Le Bon, há crueldade e intolerância para os que não pertencem a uma dada coletividade, logo, fora desse laço em comum. Isso porque nessa passagem do texto freudiano, os diversos impulsos a que massa segue, a depender das excitações, podem ser generosos ou cruéis, mas sempre serão imperiosos, brutais, intolerantes, crentes e devotados em relação a um ideal ou a uma comunidade.

Desse modo, o conflito em forma de ataque à peça surgiu quando uma parcela dos adultos de uma comunidade religiosa tentou encaixar e enquadrar a protagonista naquilo que acreditam ser adequado às brincadeiras para uma menina. A repercussão disseminou-se nas redes sociais, o que gerou uma onda de acusações infundadas e mentirosas, contaminadas por uma parte da massa que se manifestou política e religiosamente. Censurada e assustada com o ódio que se propagou, a equipe prezou pela integridade física, o que gerou o cancelamento das apresentações. A seguir, uma breve descrição de alguns elementos da peça de teatro.

## Da apresentação teatral

A peça mostra, então, a história de uma menina, criança esta que se insere no tempo cronológico da infância, cujas brincadeiras adquirem

---

2 Para assisti-la, basta acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=JKBhWS1Otp4>.

matizes e nuances caleidoscópicas no modo de experimentar o mundo, assim como no que se pode chamar, psicanaliticamente, como o advento de um sujeito, em constituição. Nessa sequência, não se trata meramente da história de uma menina e de sua biologia, mas de uma criança-menina numa temporalidade que a convoca a lidar com o que faz sombra diante desse momento de captura subjetiva e de montagem psíquica.

Assim, será num tempo subjetivo que o sujeito se localizará, não sem antes, tal como nos lembra Bercherie (1983/2001), levar em consideração as questões da criança em seu percurso: “Não somente a infância tem sua ordem própria de existência e de racionalidade, mas é sobretudo ela que esclarece, a partir de então, o devir do adulto” (p. 141).

É interessante notar como o enredo da peça começa e contempla (desde a gestação, do parto ao crescimento, mas também já a própria representação dos cuidados pela via da *maternagem*, ou da função materna para um pequeno ser) uma temporalidade necessária do importante estatuto simbólico do ser humano. Nesse campo, não há linearidade, mas circularidade, dos investimentos libidinais às palavras que tocam o corpo, aos aspectos pelos quais avançam as possibilidades de criação. Entre alguns desses pontos, temos os porquês (das interrogações), as descobertas, as teorias infantis e, com certo destaque, as brincadeiras.

Para Freud (1907-1908/1988), em “Escritores Criativos e Devaneio” (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 9, pp. 135–143), o brincar e os jogos podem ser considerados como a ocupação de predileção da criança. Ao questionar se deveríamos procurar, já na infância, os primeiros rabiscos e/ ou traços de atividade imaginativa, o criador da Psicanálise leva a sério o assunto do brincar tanto quanto a criança. Isso porque, na concepção freudiana, quando a criança brinca, ela se comporta tal como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio. Nesse caso, seria um erro supor que a criança trate as brincadeiras sem seriedade; ao contrário, já que leva muito a sério sua brincadeira, investe, despende e deseja no ato de brincar.

Sobre a aproximação teórica nas cenas da apresentação teatral, fica evidente como as brincadeiras da infância são uma construção/desconstrução da atividade simbólica, na mesma esteira do que acontece com o

processo inerente à linguagem. Na peça, também há esse mesmo movimento: desenha-se, apaga-se, emoldura-se, mas com a noção de que as coisas não se encaixam muito bem, lá onde os esquadros entortam e falham na busca pelos ângulos retos em matéria de imaginação. Podemos dizer ainda que Freud (1907-1908/1988) soou enfático: “O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia o seu desenvolvimento –, o desejo de ser grande e adulto” (p. 137). Esse mesmo adulto que o representa durante um tempo variável e que cuida dela.

Como espectadores da peça, imaginamos e ouvimos a voz de tal representante, seus ditos, que tendem a ecoar para cada sujeito de forma imprevisível. Em determinado momento, por assim dizer, há uma espécie de inversão sintática, cuja provável consideração clichê da frase (enunciada pela pessoa da função materna) aparece pela boca da menina: “Eu não sou todo mundo, mamãe! Eu sou eu!”. Noutra cena, a mãe questionou: “Você precisa fazer tudo diferente?”. Mais adiante, a menina esforçou-se para equivaler a imagem correspondente do que é ser uma menina na óptica de sua mãe. Então, ouviu o dizer materno: “Agora, sim! Posso reconhecê-la”. Nesse dito, observamos o tal reconhecimento em conformidade com o que a personagem da menina já tinha concluído antecipadamente: “A gente não tem direito de fazer nada diferente do que se espera”. A mãe, porém, também exclamou: “Você é impossível!”; e depois questionou se os “modos” da filha eram de menina, pois disse que ela “até parecia um menino”.

O desenrolar do enredo é muito interessante, não somente por colocar em xeque e em suspenso os preconceitos existentes na infância (que refletem a própria cultura na qual uma criança se insere), mas também pela sensibilidade de resgatar ou retomar a potência do brincar, do desenho e do traço artístico nos tempos dos *gadgets* da tecnologia. Numa época em que as crianças estão numa fissura pelas telas, os personagens da peça brincam, desenham, silenciam, falam (afirmam e interrogam). É exatamente nesse campo da interrogação que se situa a menina, protagonista do teatro. Para pensar nisso, é importante lembrar o que implica uma constituição subjetiva e como ela se instaura. Com relação a isso, há um emblemático texto lacaniano que foi entregue à Sra. Jenny Aubry em outubro de 1969, intitulado “Nota sobre a criança” (*Outros Escritos*, 1969/2003, pp. 369–370).

Nesse manuscrito, Lacan (1969/2003) comentou que há alguma coisa fundamental numa família pela via do irreduzível de uma transmissão, mas: “que é de outra ordem que não a da vida segundo as satisfações das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo” (p. 369).

Dessa forma, engendrar o subjetivo é uma função que precisa ser feita, e isso não passa pela sensação de ter as necessidades satisfeitas. Dito de outro modo, é por ser necessária que uma família possa ou não atentar e julgar as funções que aí estão desempenhadas. Na peça, há a voz materna. Enquanto uma constituidora da subjetividade, quem desempenha tal função (do Outro) está no trabalho de produzir um sujeito, na medida em que os cuidados – não sem as palavras – possam trazer a “marca de um interesse particularizado” (Lacan, 1969/2003, p. 369). Quer dizer, o desejo que não está à deriva anonimamente é aquele que porta uma insígnia de investimento, principalmente pela marca de interesse do que é particular numa criança.

Tratar a família como um espaço de humanização, na sua particularidade, é um modo de acolher o desamparo do pequeno ser, colocando-o no mundo que se tornará, gradativamente, uma experiência para cada realidade psíquica. Nesse contexto, Freud (1907-1908/1988), ao mesmo tempo em que demonstrou, também permitiu a compreensão da diferença entre a vida empírica de uma criança e a vida fantasística do seu psiquismo. Esse artigo está intitulado “Romances familiares” (pp. 219–222), e nele podemos encontrar uma referência à atividade imaginativa que emerge, inicialmente, no brincar da criança e, depois, num período próximo à puberdade. Na peça, verificamos o que acabamos de ilustrar. Ainda nesse texto freudiano, encontramos que o exemplo característico da atividade imaginativa está nos devaneios que se prolongam na vida.

Na próxima seção, há uma aproximação dessas manifestações como consequência do episódio enfrentado pelos atores do espetáculo. Da peça de teatro, sem nenhuma informação fundamentada, foi criada uma rede de absurdos.

## A desinformação e as manifestações discursivas de ódio e censura: o que a Psicanálise tem a dizer?

O avanço da tecnologia e da comunicação prosperou de forma acelerada, tendo em vista a crescente necessidade de se conectar com o outro, como se essa conexão pudesse afirmar a existência das pessoas. De fato, as redes sociais têm força exatamente porque existe uma relação com o imaginário, imagem essa que se sustenta a partir da relação com o outro. Esse crescimento e os novos alcances da internet, porém, trouxeram também o uso das palavras ofensivas. Ofensas que, por um lado, parecem habitar o universo cibernético com uma relevância maior nas redes sociais. Por outro lado, a suposição de um anonimato por detrás das telas tem associação com a suposta garantia de que o aspecto nocivo das atitudes praticadas não será descoberto e punido. No entanto, é uma ideia ilusória pensar que os comentários ofensivos não trarão resultados negativos, uma vez que, cada vez mais, a Justiça intervém nos meios digitais (Perrone & Pfitscher, 2016).

Atualmente, falamos sobre uma cultura do ódio, configurando algo que pode ser compreendido como uma nova forma de laço social instaurado com o advento, de modo geral, do meio digital (da internet e das redes sociais). Além do que foi comentado sobre a aparente não punição para quem pratica tais atos, há uma outra hipótese para o aumento dos ataques na internet: a ideia de um possível anonimato sobre a qual a permissão dessas ações existiria; provavelmente, em menor escala caso acontecesse o reconhecimento ou a identificação, ou, então, se aparecesse fora do mundo virtual, onde não há possibilidade de se refugiar atrás de uma tela. Com isso, expandiu-se também a aflição referente aos impactos nefastos de certas formas de comunicação violenta. Por isso, é necessário analisar, discutir e problematizar esses novos formatos de dinâmica social sob um ponto de vista teórico e crítico (Perrone & Pfitscher, 2016).

Observando as configurações atuais, não é difícil perceber que as pessoas têm uma necessidade de serem reconhecidas, e isso acontece muito por meio das redes sociais. Há uma imaginação que parece conduzir as

peçoas a terem muitos seguidores, muitas curtidas, como se precisassem da aceitação, o que dificulta entrar em contato com as diferenças, já que comumente as peçoas se conectam com o semelhante.

Para avançar na discussão, é importante retomar a escrita de Freud (1920/2016a) em *Além do Princípio do Prazer*. Nesse texto, há um debate sobre a pulsão,<sup>3</sup> em que é possível demarcar uma diferença entre pulsão de vida e pulsão de morte, ambivalência esta que está presente em todo sujeito. Tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte visam à satisfação, mas na direção oposta. Enquanto a pulsão de vida vai sempre na direção de fazer laço, ligação, união, conjugação, a pulsão de morte tenciona a destruição, a divisão, e o sujeito começa a desinvestir, num retorno ao estado inorgânico.

Por meio do conceito de pulsão e da distinção entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, evidenciamos que as peçoas têm uma relação com a vida, mas, ao mesmo tempo, há também uma relação de autodestruição. Assim sendo, todo sujeito tem esse vacilo entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Quando a pulsão de vida predomina, o sujeito consegue transformar seu sofrimento em algo criador, mas quando se tem uma dominação da pulsão de morte, a tendência do sujeito é se desvincular a cada vez, sendo a violência e o ódio possíveis manifestações dessa prevalência (Freud, 1920/2016a).

Lacan (1954/2009), em “O conceito de análise” (*O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*, pp. 355–373), retomando e elevando o conceito de pulsão como um dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, diz que o ódio é a paixão que aponta para a destruição do ser do Outro e tem a ver com a exigência da pulsão de morte. Em suas próprias palavras:

Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio, como o amor, é uma carreira sem limite. (p. 360)

---

3 A referência consultada coloca *instinto* como tradução da palavra *Trieb*, proposta por Freud, em alemão. Contudo, há um equívoco nessa versão, pois se trata de um conceito fundamental da Psicanálise que não remete ao biológico. Em função disso, pulsão é o termo que mais se aproxima do significado.

Dessa forma, o ódio é constituinte do sujeito e instala-se desde muito cedo. Para elucidar essa afirmação, Lacan (1954/2009) usa um exemplo de ódio ciumento, no qual Santo Agostinho presencia um menino insatisfeito assistindo a seu irmão mais novo sendo amamentado pela mãe. Nesse caso, o ódio fez-se presente porque o irmão teve o objeto de desejo sobre o qual o mais velho estava animado. Em resumo, o ódio ciumento inscreve-se a partir do Édipo e com a rivalidade fálica. Isso exemplifica que, mesmo quando o ódio aparece, não acontece a eliminação do desejo (Lacan, 1973/1982, “O Saber e a Verdade”, *O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda*, pp. 121–135). Ora, quem ataca o outro através de discursos de ódio, ainda que de forma inconsciente, tem um desejo instaurado. Na concepção lacaniana, então, o ódio também pode ser pensado como um ciúme, visto que o outro tem ou faz exatamente aquilo que o agressor não se autoriza.

Enfatizamos, nessa oportunidade, que a temática do ódio, enquanto desejo por uma renúncia não operada, já havia sido abordada por Freud (1930/2011a). A partir daí, ficou estabelecido que a civilização, a convivência com outro humano, o coletivo, são elementos que são construídos por meio de uma renúncia da satisfação pulsional (e grande energia psíquica utilizada é retirada da sexualidade). A mencionada renúncia é uma certa frustração cultural que precisa de uma compensação. Para que isso aconteça, o sujeito precisa ter aportes do grupo em que está inserido. Freud (1930/2011a) é decisivo: “Essa ‘frustração cultural’ domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens; já sabemos que é a causa da hostilidade que todas as culturas têm de combater.” (p. 43).

Em outros termos, viver em uma sociedade demanda muitas questões, e, muitas vezes, essa renúncia ou a compensação dessa renúncia não acontece, o que pode gerar conflitos que se voltam em forma de sintoma, ou, então, contra outras pessoas, na tentativa de despojar o outro diferente (Freud, 1930/2011a). Pensando a questão da renúncia pulsional, pode ocorrer um desejo de destruição ao outro, e, quando o sujeito não consegue fazer um contorno para renunciar, sem que haja motivos para isso, a tendência é que o ódio e a própria violência aconteçam.

Acrescentamos ainda mais uma contextualização sobre as organizações civilizatórias, quando Freud (1930/2011a) aponta que o ser humano

não é uma criatura gentil, uma vez que tem uma inclinação para a agressão. Certo é que, nesse movimento, há sempre um resto que resiste, impossível de ser submetido ao trabalho civilizatório. Nesse sentido, o desamparo até pode ser contornado, mas não todo (Freud, 1930/2011a). Sobre o desamparo, alguns questionamentos: quando o sujeito não tem acesso à cultura, como é possível contornar o resto pulsional? De que modo se contorna o desamparo?

Tais indagações abrem um vasto campo de discussão que direciona o indivíduo como integrante de um grupo e de uma sociedade. Então, cabe uma forma de cuidado desse desamparo social e cultural em que o ódio e a violência aparecem, visto que não há uma ligação com algo que proporcione e acolha um lugar para a compensação da renúncia pulsional.

Agora, no que se refere à peça de teatro, convém trazer alguns comentários que as pessoas fizeram pela internet e foram expostos pelos atores em um vídeo no YouTube, como elucidação: “Isso é uma vergonha, tá na hora de criar uma lei e proibir esse tipo de coisa, aqui o sistema é antigo, sujeito homem”; “Você sabia que o seu filho e filha poderá assistir um teatro com conteúdo sexual. Vamos à luta!”; “O cronograma das palestras sobre ‘ideologia de gênero’ foi cancelado. Graças a Deus, a união faz a força”; “Vergonhoso, o único jeito (fala o nome de um candidato a presidente) neles!”; “Se é meu filho eu quebro todos de pau!”; “Pra você isso é normal? Pra mim o normal é pegar um cacete e ‘amacetar’ os dedos desse pedófilo desorientado”.<sup>4</sup>

Refletindo a respeito da alienação nos discursos de ódio (assim como se evidencia nos exemplos dos comentários sobre a peça teatral), vemos as características que salientam o que Freud (1921/2011b) teorizou sobre a psicologia de grupo, em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”. Nesse texto, há uma explanação: o membro de um grupo não apenas tem um motivo assentado ou um propósito fixado. Portanto, não basta apenas ter

---

4 Para acompanhar a nota de esclarecimento dos atores, eis o link: <https://www.youtube.com/watch?v=d-Nx76gQHtg>.

objetivos firmados para que o grupo se constitua, já que pequenas particularidades são deixadas de lado, para que, então, haja uma coletividade mais uniformizada. Nas próprias palavras de Freud (1921/2011b):

... essa intolerância desaparece, temporariamente ou de maneira duradoura, por meio da formação da massa e dentro da massa. Enquanto perdura a formação de massa, ou até onde se estende, os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro, igualam-se a ele e não sentem repulsa por ele. Segundo nossas concepções teóricas, tal limitação do narcisismo pode ser produzida apenas por um fator, pela ligação libidinal a outras pessoas. O amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos. (p. 44)

Diante de toda exploração conceitual de Freud (1921/2011b) sobre o campo das identificações, Lacan (1964/1985), em “Em ti mais do que tu” (*O Seminário, Livro 11: Os Quatros Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, pp. 249–261), o reconhece como *suporte*, pois se suporta o panorama firmado, em termos lacanianos, pelo sujeito no campo do Outro, ou seja, ver-se enquanto ideal para o Outro é o que concede a base em uma circunstância dual satisfatória sob o ponto de vista do amor. Nessaperspectiva, os discursos de ódio tendem a ocorrer numa alteridade de ideias e opiniões contrárias. Isso porque pode acontecer uma distorção dos fatos na tentativa de certificar a escolha da posição. Muito frequentemente, vê-se também o seguinte: quando há um comentário de ódio, vários outros aparecem na sequência com visões semelhantes – o que não é difícil de surgir, porque a maioria das pessoas se aliam ao discurso à medida que isso promove um lugar. Assim, sequenciar comentários de ódio também é uma forma de se juntar a um grupo, reunir forças para, em última instância, eliminar o outro. Por isso, os discursos de ódio humilham e mostram uma configuração para quem está sendo humilhado, o que reitera o lugar em que o agressor imagina estar.

Nesse caso, podemos dizer que, no ódio, há uma questão narcísica marcante, tendo em vista que a tentativa é de despojar o outro de si mesmo. Há, desse modo, um empoderamento na direção de submeter o outro. Lembramos que, ao propor o termo *narcisismo das pequenas diferenças*, Freud (1930/2011a) escreve que há uma tendência para aceitar os iguais

e eliminar as disparidades. Essas diferenças podem ser políticas, étnicas, de gênero, de orientação sexual. Quer dizer, para preservar o narcisismo existe a crença de que se deve eliminar aquele que marca uma diferença.<sup>5</sup> Freud (1930/2011a) destaca:

Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses etc. Dei a isso o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, que não chega a contribuir muito para seu esclarecimento. Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade. (p. 60)

Perguntas: por que o outro incomoda tanto? Será por que o sujeito está olhando para si mesmo? Eis o ponto em que o estranho na realidade mostra o familiar?

Ainda perante a perspectiva do ódio enquanto uma característica narcisista, Freud (1930/2011a) vai além e coloca que os Dez Mandamentos mostram as paixões humanas e existem apenas para proibir tudo que o ser humano deseja. O primeiro mandamento diz que se deve “amar a Deus sobre todas as coisas”, precisamente porque o ser humano ama a si mesmo, antes de todas as coisas. No entanto, o mandamento mais difícil é “amar o próximo como a ti mesmo”, em razão de que amar alguém semelhante, familiar, que pensa igual, até é possível, mas amar o outro com suas diferenças é muito mais complicado. Freud (1930/2011a) ainda complementa e diz que se o mandamento fosse “ama teu próximo assim como ele te ama”, não teria o que ser questionado.

Sobre as discussões do ódio, em Lacan (1973/1982), ainda podemos ressaltar que o ódio se entrelaça com o amor e a ignorância, pois, juntos, formam as *três paixões fundamentais*, as quais estão inscritas na dimensão

---

5 Foi justamente o que aconteceu no nazismo, com a autorização, força e poder de um grupo que pensava igual, e a morte a única forma de lidar com os diferentes.

do ser. Lacan (1973/1982), ao dizer que o ódio é uma “paixão do ser”, enfatiza: “Sobre esse tema do ódio, estamos tão sufocados por ele que ninguém percebe que um ódio, um ódio sólido, ele se dirige ao ser” (p. 106).

Portanto, nessa direção do ódio ao ser, Lacan (1973/1982) posiciona o ódio na junção do imaginário e do real, já o amor se situa na junção do simbólico com o imaginário, e a ignorância fica na junção entre o real e o simbólico. Desse modo, enquanto o amor busca o ser do outro, o ódio procura o oposto, por meio do rebaixamento, do desvio, da destituição. Desse modo, na relação imaginária, em que acontece o rebaixamento, que o ódio faz parte da mesma estrutura, de uma das metades do amor. Como o imaginário é enquadrado pelo simbólico, o ódio não se satisfaz quando o inimigo desaparece (Lacan, 1954/2009, “A verdade surge da equivocação”, pp. 339–354).

Com efeito, consideramos que a desinformação, a sequência das manifestações de ódio e a censura – com relação à apresentação teatral – são os fatores para que se infiltre na cultura a imposição de um imperativo que leva a detestar e segregar qualquer diferença que não esteja submetida ao princípio de igualdade. Não à toa que o tema da sexualidade tenha entrado no embate, já que há uma insistência radical de uma concepção moralizante e pedagógica em torno dela, mesmo que seja despropositada. Na próxima seção, desenvolvemos os equívocos atribuídos aos conceitos da sexualidade, aos erros pelo seu uso associativo ao espetáculo, assim como trabalhamos a falácia dos chamados “ideólogos do gênero”.

## **A atribuição equivocada do tema da sexualidade: do brincar ao desconhecimento no horizonte das questões de gênero**

Por meio dos comentários de ódio gerados ao espetáculo em questão, é possível apresentar a convicção equivocada de que a peça teria conteúdos eróticos ou pornográficos, com o acréscimo do incentivo da falaciosa “ideologia de gênero”, e, inclusive, acusação de pedofilia. Em tal caso, algumas interpelações são essenciais para que haja argumentações teóricas a respeito das opiniões vigentes.

Na atualidade, a sexualidade apresenta-se como objeto de mercado. Como se o indivíduo – não mais o sujeito dividido – pudesse seguir um padrão e norma, ou um programa biológico. Na verdade, porém, os sujeitos são marcados pelo inconsciente e suas determinações.

Em resumo, é importante retomar as contribuições de Freud (1905/2016b) em “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (*Freud: Obras Completas*, Vol. 6, pp.13–172) para o estudo do que, no ensino lacaniano, se chama pela expressão da *constituição do sujeito*. Foi assim que se efetivou e demarcou a inédita tese da sexualidade infantil, o que implantou um divórcio entre a sexualidade e a genitalidade. Essa teoria intercorreu porque muitos dos sintomas que os pacientes costumavam falar revelavam conflitos no campo da sexualidade e das fantasias (Freud, 1905/2016b).

Com o tempo, Freud (1905/2016b) viu que os casos dos sintomas relacionados à sexualidade de seus pacientes não necessariamente se portavam ao ato sexual, mas sim, sobre as relações afetivas primordiais. Assim, sustentou-se que a criança tem sexualidade, visto que o adulto se assegura ao que foi vivido na infância. Trata-se da sexualidade infantil, tanto que Freud (1905/2016b) a levou muito a sério, sobretudo quando retira a ideia de uma infância pura e assexuada.

De certa forma, podemos afirmar a importância de considerar as relações do sujeito – já observadas – quando Freud (1921/2011b) enuncia que toda psicologia individual é também uma psicologia social. Dessa maneira, a constituição do sujeito está diretamente ligada aos seus vínculos primordiais. Não há possibilidade de alguém se constituir sem ter isso em vista. O que importa dessas vivências experienciadas pelo sujeito são as fantasias, quer dizer, o que o sujeito representou dessa realidade concreta, real, pois isso marca a capacidade da constituição subjetiva (e que a produção dos sintomas é revelada a partir desses impasses).

Lacan (1949/1998), “O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu” (*Escritos*, pp.93–100), articulou o quão fundamental é a palavra (linguagem) frente ao campo do real em sua inscrição no corpo do sujeito que está em constituição. Eis, portanto, uma referência aos significantes que o nomeiam enquanto tal.

Convém lembrar que, nessa temporalidade, há uma passagem crucial: o *estádio do espelho*, termo essencial formulado por Lacan (1949/1998) que deve ser destacado, pois é o momento em que o Eu é constituído como instância separada do Outro (ainda que seja sustentada pelo Outro do espelho). É assim que se engendra a representação da unidade corporal. Entretanto, somente em torno dos seis meses que o bebê começa a esboçar uma representação de distanciamento do Outro. Ora, o bebê somente consegue se reconhecer porque esse Outro dá lugar, nomeia com a voz e o olhar, e a criança somente consegue fazer um investimento libidinal quando já se tem uma imagem de si, imagem essa inventada pelo Outro, já que o Outro é quem faz espelho (Lacan, 1949/1998).

Nesse caminho, enfatizamos que o sujeito ao qual a Psicanálise se direciona é constituído por meio das suas experiências com outros humanos, através da linguagem, que lhe transmite significantes. O sujeito da Psicanálise funda-se na linguagem, uma vez que se encontra na história e no desejo dos pais, antes mesmo do seu nascimento. O sujeito depende de um Outro para sua constituição, isto é, um Outro que vai inscrevendo marcas no corpo do sujeito em constituição. Nessa lógica:

Não é a vontade que determina o devir do sujeito e que esse devir tem íntima ligação com o lugar no desejo inconsciente do Outro. Não se torna sujeito porque se quer, não se fabrica um sujeito de acordo com sua vontade. (Mariotto, 2018, p. 27)

Levando esses processos em consideração, mais ainda sobre o brincar, a Psicanálise o concebe como fundamental para as crianças. Freud (1907-1908/1988) salienta que o brincar tem funções na constituição psíquica da criança. Tal qual acontece com o trabalho criativo dos escritores, com os sonhos e devaneios, o brincar é regido pela fantasia, para que, assim, possa conectar-se com o desejo e os objetos. Logo, ao brincar, a criança estabelece uma situação causadora de desejo.<sup>6</sup>

---

6 A propósito desse assunto, há uma situação emblemática: Freud cria o termo *fort-da* ao comentar sobre uma experiência do seu neto Ernst. Na ocasião, o menino, aos 18 meses de vida, teria apaziguado a angústia gerada pela ausência da mãe, brincando com um carretel. É importante que haja simbolização das idas e vindas da mãe, propriamente para que tenha uma representação da falta do objeto. Em 1964, Lacan circunscreve sobre o *fort-da* e completa

Ao analisar o brincar como constituinte na infância, é interessante ressaltar que as crianças escolherão o roteiro e os objetos da brincadeira de acordo com o interesse que as causam. As crianças escolhem, e o que se coloca de modo secundário é a função simbólica da transmissão: é isso que constitui a sexualidade além do movimento pulsional. Desse modo, pensando no lugar da Psicanálise, vale evidenciar: “Se compreendemos a sexualidade segundo a teoria psicanalítica, partimos do princípio de que a escolha da identidade sexual é responsabilidade do sujeito, daí porque não cabe a um psicanalista condenar, tampouco comemorar esta ou aquela escolha” (Teixeira, 2017, p. 3).

Chegamos agora a outro ponto, pois há diferenças que precisam ser demarcadas quando se fala em sexualidade e gênero. Para não ocorrer uma fusão entre as duas palavras: a sexualidade está articulada ao inconsciente, justamente por ser algo que se coloca enquanto um desejo, da ordem das identificações simbólicas; já o gênero diz respeito a um indivíduo, uma identidade imaginária que se constrói a partir daquilo que o discurso oferece, visto que isso vai se modificando ao longo da história. Em conformidade, a perspectiva do inconsciente faz, então, do sexo o lugar de um questionamento, que conduz o sujeito a inventar sua própria relação com o gênero, a partir de sua experiência do desejo (Leguil, 2016).

Ainda que Freud e outros psicanalistas já discutissem sobre a estruturação do “sentimento” de ser homem ou mulher no século XX, a utilização do conceito “gênero” manifestou-se mais tarde na Psicanálise. A partir dos anos 1970, o conceito de gênero passou a ser usado pelo movimento feminista, do mesmo modo que os trabalhos de Judith Butler começaram a se anunciar (Knudsen, 2007).

O entendimento de Butler (1990/2003) sobre gênero, comentando sobre a prática na clínica, dirige-se para a percepção do próprio sujeito como homem ou mulher, com estereótipos do feminino e masculino, construídos pela cultura em que se está inserido. Para seguir a discussão proposta, é necessário fazer uma aproximação da Psicanálise com o contexto social,

---

dizendo esse brincar não representa a mãe como uma bolinha, não é apenas uma representação primordial, há algo a mais, resta algo do sujeito que se sobressai pela via da repetição.

sendo, então, considerável destacar as influências das questões sociais quando se fala em gênero e sabendo que atualmente as mudanças nas estruturas familiares aparecem de forma mais acentuada. A autorização do casamento gay, a adoção homoparental, as novas identidades de gênero, proporcionam uma ampliação das noções tradicionais de gênero. Contudo, ainda assim, o que impera na sociedade é a relação cisgênero entre homens e mulheres. Assim, as violências ocupam um lugar disso que é o oposto da maioria (Knudsen, 2007).

Quanto a isso, no que se refere ao enredo da peça, há uma absoluta singularidade nos “pepimeninos” e nas “pepimeninas” (termos verbalizados durante a apresentação teatral) na diversidade dos “potes” – forma única de cada um – como o resultado de um percurso subjetivo do ser falante (que inclui as brincadeiras). Quando a menina protagonista usa a expressão “garomeninas”, ao comentar que as crianças podem ser os dois ao mesmo tempo (meninos e meninas, garotos e garotas) sendo inclusive, um direito, ela levanta o caráter de mutabilidade do ser que é da ordem do *devoir*. Dito ainda de outro modo, a tarefa que se empenha indaga como se formam e se desenvolvem homens e mulheres (Leguil, 2016).

Contemporaneamente, a visão fixa dos papéis de gênero aprisiona os sujeitos a um ideário normativo e impossibilita novos questionamentos, discussões e transformações. É importante levar em consideração a proposta de um processo de desconstrução de paradigmas e modelos fixos de funcionamento no que tange a essa reflexão, já que a fixação ou a sua permanência impede o trabalho de releitura e de reconfiguração das diversas narrativas. Principalmente, não podemos esquecer que estamos num dos territórios da atuação da violência e de sua naturalização; por isso, tamanha preocupação com as ideias normativas e patriarcais (Muszkat, 2018).

Assim, podemos pensar nas categorias de menino e menina, homem e mulher, por meio de uma interpretação inédita que nenhuma norma pode enquadrar. É ao que se refere Leguil (2016), ao destacar que “a marca de fábrica íntima” própria do singular “não vem da natureza, nem da cultura, mas de sua relação com o desejo e o gozo” (p.14). Noutras palavras, meninos e meninas, depois homens e mulheres, inscrevem-se na relação do sujeito com o desejo do Outro, assumem uma marca significante diante

da identificação e de uma interpretação singular, ou seja, não há apenas um tipo de enquadramento para os sujeitos singulares, ou somente uma definição universal no modo de se engajar para ser homem ou mulher.

Quanto ao discurso de ódio e da intolerância, não existe qualquer cabimento na justificativa da expressão “ideologia de gênero”, porque, na realidade, há *estudos de gênero*. No entanto, como se vê uma postura negacionista nos campos da pesquisa e da ciência, a expressão “ideologia de gênero” foi criada por religiosos para negar ou fazer frente aos estudos de gênero, com a finalidade de manutenção de uma ideia mistificada da natureza<sup>7</sup> (Tiburi, 2018).

O ocorrido com a peça de teatro na cidade de Campos Novos/SC, censurada e atacada, tratada pela desinformação não somente de uma parcela das pessoas (principalmente pais de algumas crianças que sequer eram da escola nas quais as apresentações aconteceriam), mas também do Conselho Municipal da Criança e Adolescente (CMDCA), é um sinal obscurantista do predomínio da opinião que ataca, agride e censura para defender convictamente um ponto de vista pertencente à sombra da ignorância (Bíscaro, 2018). Vamos, então, para as últimas reflexões, mas que não cessam de ecoar nos interesses de questionamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como foi analisado, há um crescimento e uma tendência dos movimentos extremistas na sociedade, na qual se destaca a palavra “ódio”. Essa discursividade odienta leva em seu próprio bolso na raiz daquilo que aparta e segrega está o levante do ódio ao próprio gozo. São essas as notícias que os fenômenos de massa nos dão: a incapacidade de tolerar a multiplicidade dos modos de gozo, não sem consequência.

---

7 Nesse texto referenciado, consta que a expressão “ideologia de gênero”, que diz respeito a uma falácia, foi usada pela primeira vez numa Conferência Episcopal da Igreja Católica ocorrida em 1998 em Lima, no Peru. O termo espalhou-se pelo fundamentalismo religioso em suas várias denominações e chegou ao contexto político. Nessa perspectiva: “sustenta-se uma espécie de monopólio epistemológico sobre o tema da sexualidade a partir da ideia de uma ‘natureza’ sexual que o termo gênero vem questionar” (2018, para. 11).

Embora, ainda hoje, inúmeras pessoas se pautem na existência de brincadeiras que são próprias para meninos e meninas, vimos, neste texto, que as brincadeiras da infância constituem material subjetivo de transformação, não importa se a forma lúdica de representação psíquica se localize no brincar de amarelinha, esconde-esconde, jogar bola etc. É possível notar que a proposta artística se situa do lado da fantasia e da importância do exercício de atividades das crianças que contém o impulso de formas de satisfação. No espetáculo, desde o projeto, sinopse e a própria apresentação, assistimos à personagem-protagonista que desperta para o interesse com o modo de brincar que, para ela mesma, não havia nenhum impedimento. Entretanto, a partir da voz de sua mãe e do que se considera como típico das brincadeiras de menina e que compõem o estereótipo das brincadeiras de menino, a menina é tocada e afetada pelo desígnio dos papéis ou das funções que envolvem a questão de gênero. Não se trata, na peça, de uma defesa dos estudos de gênero (embora a reflexão seja necessária em tempos nefastos na qual a violência impera), ou do uso de uma falácia da “ideologia de gênero”, mas do tempo da infância em sua gama de pluralidades afetivas, libidinais e sociais.

Parece anacrônico tratar disso no século XXI, mas ainda é um assunto a ser discutido frente a alguns fenômenos do conservadorismo e do mau uso da fé na religião e na política. Foi o que aconteceu na cidade de Campos Novos/SC. Parte dos pais ou uma parcela dos chamados “cidadãos de bem” fizeram postagens de repúdio ao espetáculo teatral, acusando-o de propor o tema da sexualidade sem saber do que se tratava e sem assistir à peça. Foram ameaças, inclusive, contra a vida da equipe de teatro movida por acusações infundadas.

Em nosso trabalho de busca pela fundamentação da teoria psicanalítica com a parceria das informações legítimas da peça, podemos afirmar com Freud, Lacan e seus contemporâneos, que uma pessoa –menina, menino, homem ou mulher, ou ainda que não se identifique com essas nomenclaturas – está lançada na história de verificar que posição ocupa com relação à alteridade e numa relação não anônima com seu desejo e seu regime de “estranha satisfação” que, em Psicanálise, chamamos *gozo*.

Também podemos dizer que os discursos de ódio revelam uma preocupação social, reduzindo a democracia e ultrapassando as suas instituições. No caso do espetáculo, a censura não partiu dos órgãos reguladores ligados à cultura, mas de quem sequer assistiu à peça. Na medida em que o afeto do ódio ganha lastro e origem no lugar do qual não há autorização e legitimidade para apontar a incoerência de um projeto, sabemos que existe uma tarefa a ser empreendida na sociedade. Tarefa ou incumbência diante da quebra dos laços e da visão dos potenciais adversários para que haja algum tipo de saber face à diferença.

Em se tratando do ataque à arte e ao tempo cronológico da infância, na verdade, o que realmente assombra ousamos chamar aqui de rótulo, preconceito, equívoco, crença e convicção sobre as coisas de menino e as coisas de menina, não apenas quanto ao brincar, mas também nas outras configurações da vida cotidiana, do corpo sexuado, da sexualidade e do gênero.

Reymundo (2018), em seu texto “Sobre o ódio”, deixa a possibilidade de que possamos desejar que a sociedade humana seja diferente da sociedade de formigas em seu formigueiro, na qual tudo já está definido por instinto e nenhuma delas nunca ousaria sair do já estabelecido. Nas suas palavras:

O formigueiro é o sonho dos ditadores e é o pesadelo dos que apostam no desejo por uma vida em democracia, com todas as incertezas e turbulências que ela possa apresentar. Uma sociedade humana que funcione segundo as leis do formigueiro é o sonho dos inimigos do gênero humano. (para. 26)

Tão desejante quanto isso é a conclusão do espetáculo na frase escrita com giz: “Temos o direito”, por meio da qual decidimos seguir confrontados pelo pior.

## REFERÊNCIAS

- Bercherie, P. (2001). *Psicanálise e psiquiatria com crianças: Desenvolvimento ou estrutura* (O. Cirino, Trad.; pp.127–139). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1983)
- Bíscaro, B. (2018, outubro 8). As sombras de meninos e meninas. *Portal Catarinas: Jornalismo com perspectiva de gênero*. Recuperado de <https://catarinas.info/colunas/as-sombras-de-meninas-e-meninos/>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Freud, S. (1988). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.; Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado entre 1907 e 1908)
- Freud, S. (2011a). *O mal-estar na civilização* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011b). *Freud: Obras completas* (P. C. de Souza, Trad.; Vol. 15; pp. 9–100). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2016a). *Além do princípio do prazer* (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre, L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2016b). *Freud: Obras completas* (Vol. 6; pp.13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Harmônica Arte e Entretenimento. (2018a). *Censura - Espetáculo “A menina e sua sombra de menino”* [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=d-Nx76gQHtg>
- Harmônica Arte e Entretenimento. (2018b). *Espetáculo: A menina e sua sombra de menino* [Vídeo]. YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=JKBhWS1Otp4>
- Knudsen, P. P. P. S. (2007). *Gênero, psicanálise e Judith Butler: Do transexualismo à política* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Lacan, J. (1982). *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (M. M. Dias, Trad.). Rio de Janeiro. (Seminário realizado em 1973)

- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário realizado em 1964)
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (pp. 93–100). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário realizado em 1954)
- Leguil, C. (2016). *O ser e o gênero: Homem/mulher depois de Lacan* (V. A. Ribeiro, Trad.). Belo Horizonte: EBP Editora.
- Mariotto, R. M. M. (2018). Da psiquiatria à psicanálise: Uma investigação histórica sobre os estudos de gênero na infância e adolescência. In R. M. M. Mariotto (Org.), *Gênero e sexualidade na infância e adolescência: Reflexões psicanalíticas* (pp. 15–32). Salvador: Ágalma.
- Muszkat, S. (2018). Desamparo e violência de gênero: Uma formulação. In C. Françaia, P. Porchat, & P. Corsetto (Orgs.), *Psicanálise e gênero: Narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina* (pp. 95–112). Curitiba: Calligraphie.
- Perrone, C. M., & Pfitscher, M. (2016). Discurso de ódio na internet: Algumas questões. *Redisco, 10*(2), 146–154. Recuperado de <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2527>
- Reymundo, O. (2018). Sobre o ódio. *Arteira: Revista de Psicanálise, 10*. Recuperado de <http://www.revistaarteira.com.br/index.php/odio>
- Teixeira, M. R. (2017). Notas sobre a teoria de gênero e a psicanálise. Ágalma. Recuperado de <http://www.agalma.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Notas-sobre-a-teoria-do-g%C3%AAAnero-e-a-psican%C3%A1lise1-2-1.pdf>
- Tiburi, M. (2018, julho). A funcionalidade da “ideologia de gênero” no contexto político e econômico brasileiro. *Nueva Sociedad*. Recuperado de <https://nuso.org/articulo/funcionalidade-da-ideologia-de-genero-no-contexto-politico-e-economico-brasileiro/>

Recebido em 10/10/2020

Aceito em 05/10/2021